

126214

O CEARÁ E OS GRÊMIOS LITERÁRIOS

Sânzio de Azevedo

INÚMERAS agremiações pontilham a história literária do Ceará: de importância ou duração maior ou menor, indicam todas o caráter gregário do nosso povo. É sabido que Leonardo Mota, em *A Padaria Espiritual* (1938), enumerou mais de 80 grêmios, incluindo os Gabinetes de Leitura que povoaram o interior cearense no século passado.

Mesmo sem nos deter em todos os grupos culturais de nossa terra, ao longo dos 170 anos de sua história literária, podemos citar aqueles que destacamos em nossa *Literatura Cearense* (1976), e cuja existência nos pareceu mais decisiva para a caracterização de nosso perfil cultural, resgatando do esquecimento outros tantos, que tiveram seu momento de glória, aludindo ainda a grupos mais recentes, cujo papel espera a avaliação da História.

Os OITEIROS, que remontam a 1813, eram, como indica o nome, reuniões literárias. Não podemos porém já hoje dissociar o termo do grupo de poetas que, no segundo decênio do século XIX, cercavam o Governador Sampaio, com sua poesia de feição neoclássica: Pacheco Espinosa, Castro e Silva, Costa Barros e outros, grupo na qual, segundo Dolor Barreira (*História da Literatura Cearense* — 1948), “expele os primeiros balbucios a nascente literatura cearense”.

A primeira agremiação propriamente dita teria sido a FÊNIX ESTUDANTAL, fundada em 1870 por R. A. da Rocha Lima, então com 15 anos de idade), João Lopes e Fausto Domingues.

A ACADEMIA FRANCESA, de 1873, não pretendia ser um grêmio, pois não tinha sede, nem presidente, mas terminaria formando um dos grupos de maior peso na história cultural de nossa Província, ao juntar nomes como os citados Rocha Lima e João Lopes, ao lado de Tomás Pompeu, Araripe Júnior, Capistrano de Abreu e outros. Não tendo jornal, serviram-se da folha maçônica *Fraternidade*, representando esse grupo a primeira reação ao Romantismo cearense e a presença, aqui, dos ideais positivistas de Comte.

O CLUBE LITERÁRIO, de 1886, dá início ao Realismo cearense: não que todos os seus membros formassem na nova escola. Criado por João Lopes, congregou românticos como Juvenal Galeno, Virgílio Brígido, ou os chamados Poetas da Abolição (Serpa, Martins e Bezerra) mas além dos contos científicos de Rodolfo Teófilo e das narrativas realistas de Oliveira Paiva, estampava *A Quinzena*, órgão do grêmio, artigos críticos sobre o Realismo, assinados por José Carlos Júnior ou Oliveira Paiva, sem falar na página em que Abel Garcia se dirige a Francisca Clotilde, exortando-a a abandonar o Romantismo. N'A *Quinzena* escreveram ainda Farias Brito, Paulino Nogueira, Antônio Sales, Martinho Rodrigues, X. de Castro, Pápi Júnior e outros.

Consolidando o Realismo no Ceará, surgia em 1892 a PADARIA ESPIRITUAL, o mais original de todos os grêmios de nosso Estado: Criado por Antônio Sales, sua fama repercutiu por todo o País, graças ao bem-humorado Programa de Instalação, onde os "padeiros" eram proibidos de recitar ao piano, citar a Rosa de Malherbe, usar o tom oratório (sob pena de vaia), e falar de animais e plantas que não fossem do Brasil. Sociedade de Letras e Artes, além de escritores como o citado Sales, Adolfo Caminha ou Lívio Barreto, abrigava músicos como Henrique Jorge e Carlos Vítor, e um desenhista, Luís Sá. Nem por haver consolidado o Realismo, deixou de instaurar o Simbolismo entre nós. Seu órgão na imprensa, *O Pão*, teve duas fases, que refletem as duas etapas da existência da "Padaria", reorganizada em 1894, quando para ela entraram, entre outros, Rodolfo Teófilo, José Carlos Júnior, X. de Castro e Antônio Bezerra. Como disse Leonardo Mota no livro que escreveu sobre o grêmio, a "Padaria" fez com se voltassem para o Ceará "as vistas dos mais eminentes homens de letras do Brasil".

O CENTRO LITERÁRIO, fundado em 1894 ao que tudo indica por dois "padeiros" dissidentes, Álvaro Martins e Te-

místocles Machado, teve longa existência (10 anos) e congregou um número extraordinário de escritores das mais diversas tendências, como Guilherme Studart, Farias Brito, Pápi Júnior, Soares Bulcão, Quintino Cunha, Frota Pessoa, F. Weyne, Alba Valdez, Justiniano de Serpa, Rodrigues de Carvalho, José Albano e muitos mais. Seu órgão na imprensa era a *Iracema*, que circulou por pouco tempo.

A ACADEMIA CEARENSE, surgida em 1894, ressurgiria em 1822, sob a denominação de ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. Reapareceu em 1930, ao mesmo tempo que se funda a ACADEMIA DE LETRAS DO CEARÁ. Fundem-se as duas em 1951, para formar a entidade que existe até hoje, e que congrega tantos nomes das letras de nossa terra.

De 1908 é a PLÊIADE, composta de 13 membros, e que, segundo Mário Linhares (*História Literária do Ceará — 1948*), não tinha estatutos nem sede, sendo a presidência exercida “pelo associado em cuja residência a reunião se realizava”. Citamos dentre esses 13 os nomes de Alf. Castro, Fiúza de Pontes, Soriano de Albuquerque, Álvaro Bomilcar e Henrique Jorge.

A ACADEMIA REBARBATIVA foi fundada em 1910 num dos bancos da Praça do Ferreira, e dela participaram Gil Amora, os irmãos Luís e Genuíno de Castro, Carlos Severo e outros. De intuítos humorísticos e espírito boêmio, ainda assim editou o *Ceará Revista*.

O INFERNO LITERÁRIO, de 1913, reunia 13 escritores que redigiam a *Fornalha*. Usando pseudônimos, ou “nomes avernais”, como lembra Dolor Barreira, tinham como objetivo “criticar construtivamente”. Martinz de Aguiar, Epifânio Leite, Genuíno de Castro, Gustavo Frota e Estevam Mosca eram alguns de seus componentes.

De 1917 é o GRÊMIO LITERÁRIO CEARENSE, que fazia sessões públicas com júris históricos. Entre outros, dele faziam parte Euclides César, Eurico Pinto, Wulmar Borges, Gilberto Câmara, Luís Sucupira, Saraiva Leão, Clodoaldo Pinto e Otacílio de Azevedo.

A ACADEMIA POLIMÁTICA de 1922, veio sacudir o meio provinciano com seus protestos e discursos inflamados. Para Edigar de Alencar, foi ela “uma piada de Euclides César que se alastrou” (*Fortaleza de Ontem e Anteontem — 1980*). Além de seu fundador, brilhavam nas ruidosas sessões Antônio Furtado, Moésia Rolim, Perboyre e Silva, Sobreira Filho e outros “espirituais confrades” . . .

Talvez a rigor não possamos falar de um grupo de MARACAJÁ, efêmero suplemento d' *O Povo*, que circulou em 1929, e onde se estadeava o Modernismo de Demócrito Rocha, Rachel de Queiroz, Jáder de Carvalho e outros, mas podemos fazê-lo com relação ao GRUPO CLÁ, nascido, segundo se diz, no início dos anos 40, mas que, a nosso ver, adquire maior coesão por volta de 1946, ano do nº zero da revista *Clã*, sob a direção de Antônio Girão Barroso, Aluizio Medeiros e João Clímaco Bezerra. Além destes, citem-se os nomes de Antônio Martins Filho, Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro, Eduardo Campos, Fran Martins, Joaquim Alves, Stênio Lopes, Lúcia Martins, Milton Dias, Moreira Campos, Mozart Soriano Aderaldo e Otacílio Colares. Mas o grêmio continua atuante, e há poucos anos foi acrescido com os nomes de Cláudio Martins, Durval Aires e Pedro Paulo Montenegro. Sua maior importância é a consolidação do Modernismo no Ceará.

Em 1957, a vanguarda antidiscursiva fica por conta do GRUPO CONCRETO DO CEARÁ, de José Alcides Pinto, Antônio Girão Barroso, Pedro Henrique Saraiva Leão (poetas) e J. Figueiredo (pintor), que continuaria com Eusélio Oliveira, Barroso Gomes, Horácio Dídimo e outros.

O GRUPO SIN, de 1968, reuniu uma dezena de cultores do texto discursivo e dos experimentos praxistas. Sem despreço aos demais, registramos os nomes de Pedro Lyra, Roberto Pontes, Linhares Filho, Horácio Dídimo, Rogério Bessa e Barros Pinho.

Já em 1979 o GRUPO SIRIARÁ DE LITERATURA, defendendo uma literatura atuante e nossa, quer entre outras coisas "Pensar e sentir o Nordeste e ter o direito de perguntar pelo Brasil". Reúne poetas e ficcionistas, como Adriano Spínola, Airton Monte, Batista de Lima, Carlos Emílio, Floriano Martins, Nilto Maciel, Nirton Venâncio, Oswald Barroso, Rogaciano Leite Filho, Rosemberg Cariry, Joyce Cavalcante, Márcio Catunda, Marly Vasconcelos e Natalício Barroso Filho, na impossibilidade de nomear a todos os seus 24 componentes.

Muitos já se espantaram de ver, no passado, numa terra tão desprotegida dos homens e da natureza, a eclosão de tantos grupos culturais. Efeito natural ou paradoxo desconcertante, o certo é que as vicissitudes continuam, mas os grêmios não param de florescer, como os cactos que brotam do chão da terra das secas...